



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Sobre a obviedade das “ideias mais fecundas” das Investigações Filosóficas

Por: Gustavo Augusto Fonseca Silva⁵²

fonsecaugusto@hotmail.com

Resumo

No artigo “Sraffa, Wittgenstein, and Gramsci”, Amartya Sen analisa a influência de Piero Sraffa na filosofia de Ludwig Wittgenstein, que a reconheceu no prefácio das *Investigações filosóficas* dizendo que a seu “estímulo” devia “as ideias mais fecundas” da obra. Para Sen, era enigmático o fato de que Sraffa considerava seu ponto de vista “bem óbvio” (“rather obvious”), achava tedioso conversar com Wittgenstein e nunca se entusiasmou por sua influência em sua filosofia. Sen argumenta que Sraffa assim pensava devido a sua formação marxista, por influência de Antonio Gramsci. Neste artigo, tenho por objetivo explicitar que Sraffa na verdade assim pensava porque seu ponto de vista era realmente *bem óbvio* – menos para o autor do *Tractatus logico-philosophicus*, que ignorou conhecimentos filosóficos e linguísticos básicos e mais tarde, “estimulado” por Sraffa, os retomou. Em matemática, o mesmo aconteceu, mas os matemáticos nunca deram importância às discussões de Wittgenstein sobre o tema, algo também analisado neste artigo.

Palavras-chave: Filosofia da linguagem; filosofia da matemática; Wittgenstein; linguística; gramática tradicional.

Resumo

En "Sraffa, Wittgenstein, kaj Gramsci," Amartya Sen analizas la influon de Piero Sraffa en la filozofio de Ludwig Wittgenstein, kiu rekonis en la antaŭparolo al la Filozofiaj Esploroj dirante ke lia "stimulo" estis "la plej fruktodona ideoj" de la laboro. Cxar Sen, estis enigma la fakto ke Sraffa konsiderita lia vidpunkto "sufiĉe preterlasas" ("iom evidenta"), pensis teda diskuto al Wittgenstein kaj neniam entuziasmon por lia influo sur lia filozofio. Sen argumentas ke Sraffa pensis tiel pro lia marksisma trejnado, influita de Antonio Gramsci. En tiu artikolo, mi celas klarigi ke Sraffa vere pensis tiel ĉar lia vido estis vere sufiĉe preterlasas - sed la aŭtoro de la Tractatus Logico-Philosophicus, kiu

52 É mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e Graduado em Letras: Linguística pela mesma instituição.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*ignoris baza filozofia kaj lingva scio kaj poste "kuraĝigis" de Sraffa, li rekomencis. En matematiko, la sama afero okazis, sed matematikistoj neniam donis gravecon al Wittgenstein diskutoj pri la temo, iom ankaŭ analizis en ĉi tiu artikolo. **Ŝlosilvortoj:** Filozofio de lingvo; Filozofio de Matematiko; Wittgenstein; Lingvo; Tradicia gramatiko.*

Abstract

In the paper "Sraffa, Wittgenstein, and Gramsci", Amartya Sen analyses Piero Sraffa's influence in Ludwig Wittgenstein's philosophy. Wittgenstein recognized in the preface of Philosophical Investigations that was indebted to his stimulus for the most consequential ideas of the book. To Sen, it was enigmatic the fact that Sraffa considered his point of view "rather obvious", thought tedious to talk with Wittgenstein, and was never enthusiastic about his influence in Wittgenstein's philosophy. Sen argues that Sraffa thought that way because of his marxist upbringings, due to Antonio Gramsci's influence. In this article, my goal is to explain that Sraffa actually thought that way because his point of view really was rather obvious – unless to the author of Tractatus logico-philosophicus, that ignored basic philosophical and linguistic knowledges and later, "stimulated" by Sraffa, resume them. The same thing happened in mathematics, but the mathematicians never cared about Wittgenstein's discussions on the subject, something analysed too in this paper.

Keywords: *Philosophy of language; Philosophy of Mathematics; Wittgenstein; Linguistics; Traditional grammar.*

Introdução

No prefácio das *Investigações filosóficas*, o filósofo Ludwig Wittgenstein credita ao "estímulo" do economista Piero Sraffa Wittgenstein "as ideias mais fecundas" da obra. Para Ray Monk (1995, p. 240), biógrafo de Wittgenstein, trata-se de uma afirmação enigmática, dadas as diferenças intelectuais entre Wittgenstein e Sraffa. Já para o economista Amartya Sen, enigmático era o fato de que seu ex-professor Sraffa considerava seu ponto de vista "bem óbvio" ("*rather obvious*") (SEN, 2003, p. 1.243), achava tedioso conversar com Wittgenstein (*idem*) e nunca se

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

entusiasmou por sua influência no trabalho daquele que muitos julgam ser o maior filósofo do século 20 (*ibid.*, p. 1.252).

No artigo “Sraffa, Wittgenstein, and Gramsci”, Sen argumenta que Sraffa assim pensava devido a sua formação marxista, fruto da profunda influência que teve na juventude de seu amigo Antonio Gramsci. Neste artigo, tenho por objetivo explicitar que Sraffa na verdade pensava assim porque seu ponto de vista era realmente *bem óbvio* – menos para o autor do *Tractatus logico-philosophicus*, que ignorou conhecimentos filosóficos e linguísticos básicos acumulados no Ocidente desde a Grécia Antiga e mais tarde, “estimulado” por Sraffa, os retomou. Apesar de não serem originais, as ideias de Wittgenstein sobre a linguagem tornaram-se muito influentes entre os filósofos, ao contrário de suas ideias sobre a matemática, que os matemáticos sempre menosprezaram – entre outros motivos, por serem em alguns aspectos “bem óbvias”.

Com o intuito de expor essas questões da forma mais simples possível, dividi o artigo em mais três seções. Na seção 2, mostro como as principais ideias linguísticas de Wittgenstein remontam pelo menos a Platão, a Aristóteles e aos gramáticos gregos. Na breve seção 3, apresento as reflexões de Wittgenstein sobre os números, evidenciando como o autor do *Tractatus logico-philosophicus* ignorou conhecimentos matemáticos básicos e mais tarde, “estimulado” ou não por Sraffa, os retomou, sem que tenha chamado a mínima atenção dos matemáticos. Na última seção, faço as considerações finais ao artigo.

O ponto de vista linguístico de Wittgenstein: um ponto de vista “bem óbvio”

Como exemplo do “estímulo” de Sraffa, Monk (1995, p. 240) cita aquele que se tornaria um caso quase lendário: em uma conversa com Sraffa, Wittgenstein teria insistido que uma proposição e aquilo que ela descreve precisam ter a mesma “forma lógica” (ou “gramática”, dependendo da versão). Em resposta a Wittgenstein, Sraffa teria feito o gesto napolitano de passar as pontas dos dedos no queixo e lhe perguntado: “Qual é a forma lógica *disto*?”. De acordo com Monk (*idem*), “isso teria quebrado o jugo exercido sobre Wittgenstein pela ideia do *Tractatus* segundo a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

qual uma proposição tem de ser uma 'figuração' da realidade que descreve". Mas o fato é que, com esse simples gesto, Sraffa quebrou a pedra angular do *Tractatus* – a teoria pictórica do significado –, o que nenhum filósofo havia feito. Curiosamente, porém, Sraffa nem se lembrava desse episódio anos depois, quando Sen lhe perguntou sobre ele. “Eu não consigo me lembrar dessa ocasião específica”, disse-lhe Sraffa (SEN, 2003, p. 1.242). “Eu argumentei com Wittgenstein tão frequentemente e tanto que as pontas dos meus dedos não precisaram falar muito.” (“*I can't remember such a specific occasion (...). I argued with Wittgenstein so often and so much that my fingertips did not need to do much talking.*”)

Em todo caso, conforme Monk (1995, p. 240), o episódio é importante não por explicar por que Wittgenstein abandonou a teoria da figuração do significado, mas por ser um bom exemplo do modo como Sraffa conseguia fazer Wittgenstein examinar as questões de outros ângulos. Ainda de acordo com Monk (*ibid.*, p. 251), “motivado por discussões com Sraffa, (Wittgenstein) logo desistiu de tentar corrigir a estrutura do *Tractatus* e abandonou por completo a ideia de que havia *necessariamente* uma estrutura comum entre o mundo e a linguagem”. Uma ideia com a qual Sraffa, nitidamente, nunca concordou (cf. SEN, 2003, p. 1.242), tendo argumentado com Wittgenstein tão frequentemente e tanto até “estimulá-lo”. Mesmo assim, Wittgenstein não abandonaria facilmente a teoria da figuração do significado, como confessa no *Big Typescript* (§ 29), escrito no início dos anos 1930: “É difícil deixar o caminho de que o uso de uma sentença consiste em imaginar alguma coisa em resposta a cada palavra”.

“Motivado por discussões com Sraffa”, Wittgenstein também adquiriria um modo “antropológico” de examinar as questões filosóficas, como admitiu em conversa com Rush Rhees (cf. MONK, 1995, p. 240):

Um dos aspectos mais marcantes em que a obra madura de Wittgenstein difere do *Tractatus* é justamente a abordagem “antropológica”; isto é, enquanto o *Tractatus* lida com a linguagem desvinculada das circunstâncias em que ela é usada, as *Investigações filosóficas* enfatizam repetidas vezes a importância da “corrente de vida” que confere aos enunciados linguísticos seu significado: um “jogo de linguagem” não pode ser descrito sem menção às atividades e ao



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

modo de vida da “tribo” que o joga. Se tal mudança de perspectiva proveio de Sraffa, então sua influência sobre a obra madura de Wittgenstein é de fato da mais fundamental importância (*idem*).

Mas “tal mudança de perspectiva” era algo “bem óbvio” para Sraffa, e não devido à influência de Gramsci. Afinal, é bem óbvio que “o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (WITTGENSTEIN, 1999, § 23) – menos para o autor do *Tractatus logico-philosophicus*, que precisou ser “estimulado” por Sraffa até desistir de tentar corrigir a estrutura do *Tractatus* e abandonar por completo a ideia de que havia *necessariamente* uma estrutura comum entre o mundo e a linguagem. Não por acaso, o conceito de forma de vida já tinha antes de Wittgenstein “uma longa tradição na filosofia alemã (Hamann, Herder, Hegel, Von Humboldt)” (GLOCK, 1998, p. 174). Além disso, é revelador que o ponto de vista de Sraffa tenha sido denominado de um modo “antropológico” de examinar as questões filosóficas, ou seja, não passava de algo que os antropólogos já faziam.

Diante da constatação de que os “estímulos” de Sraffa eram “bem óbvios”, deve-se perguntar também se os jogos de linguagem (cf. WITTGENSTEIN, 1999, § 23) não seriam igualmente “bem óbvios”. No § 23 das *Investigações filosóficas*, depois de listar diferentes jogos de linguagem, como comandar e agir segundo comandos, relatar um acontecimento, inventar uma história e ler, Wittgenstein comenta: “É interessante comparar a multiplicidade das ferramentas da linguagem e seus modos de emprego, a multiplicidade das espécies de palavras e frases com aquilo que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem. (E também o autor do *Tractatus logico-philosophicus*.)” E no § 304 Wittgenstein esclarece: “(...) rompemos radicalmente com a ideia de que a linguagem funciona sempre de um modo, serve sempre ao mesmo objetivo: transmitir pensamentos – sejam estes pensamentos sobre casas, dores, bem e mal, ou o que seja”.

Com os jogos de linguagem, portanto, Wittgenstein visava a nos levar a uma comparação da multiplicidade



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

das ferramentas da linguagem e seus modos de emprego com aquilo que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem. Mas o que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem é o mesmo que disse o autor do *Tractatus logico-philosophicus*? Vejamos o que disse no livro *Da interpretação* (IV) o pai da lógica, Aristóteles, de quem Wittgenstein se orgulhava de nunca ter lido uma palavra (cf. MONK, 1995, p. 438):

Chamamos de proposição somente as (sentenças) que encerram verdade ou falsidade em si mesmas. Uma prece, por exemplo, é uma sentença, porém não encerra nem verdade nem falsidade. Mas passemos isto por alto, uma vez que seu estudo diz respeito mais propriamente ao âmbito da retórica ou da poética.

Os jogos de linguagem, portanto, certamente pareceriam “bem óbvios” para Aristóteles, que na *Poética*

(19) ainda observa:

No que diz respeito às questões relativas à elocução, um dos objetos de investigação é o das formas de expressão falada, cujo conhecimento cabe à arte do ator cômico e à pessoa versada nessa arte. Trata-se de saber nomeadamente como se expressa o comando, a oração, a narrativa, a ameaça, a pergunta, a resposta e outras coisas semelhantes. A poética não pode se tornar alvo de séria crítica por conta do conhecimento ou ignorância dessas coisas. Quem consideraria um erro aquilo que é criticado por Protágoras, ou seja, que o poeta, ao pretender fazer uma oração, na verdade emite um comando ao dizer: “Canta-me, ó deusa, a cólera...”, pois, segundo ele, instruir alguém a fazer ou não fazer algo é um comando. Renunciemos aqui, portanto, a esse estudo, o qual pertence a uma outra arte, e não à poética.

É interessante comparar o que disse Aristóteles sobre a estrutura da linguagem com o que disse o autor do *Tractatus logico-philosophicus*. É interessante também comparar o que disse nos anos 1920 o maior leitor de Aristóteles no século 20, Martin Heidegger, sobre a estrutura da linguagem com o que disse o autor do *Tractatus logico-philosophicus*:

Todo discurso, todo falar tem significação, isto é, todo ato de exprimir um desejo, um pedido, uma indagação, uma ordem, uma enunciação, significa algo. Nem todos esses discursos, porém, são

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

λόγος, ou seja, nem todo discurso é discurso mostrador. Um pedido a alguém não tem o sentido e a função significativa interna de deixar algo claro para esse alguém, de comunicar-lhe algo. Ele só visa justamente solicitar algo dessa pessoa. De maneira correspondente, a ordem também não passa nenhum conhecimento adiante em sentido próprio, mas é apenas uma intimação a agir. Portanto, nem todo discurso é mostrador de um tal modo que se pudesse afirmar que o ato de mostrar algo seria a tendência propriamente dita do discurso. Mostrador é somente aquele *λόγος*, junto ao qual sucede a algo ser falso ou ser verdadeiro. Naquele discurso que é verdadeiro ou falso, isto é, no enunciado, na proposição, reside algo assim como uma síntese, uma composição (HEIDEGGER, 2009, p. 48-49).

Além disso, Aristóteles, que enfatiza na *Política* (III, V, § 8) que o que se chama justo na oligarquia não é o mesmo que se chama justo na democracia, ainda que “cada um por seu turno dizendo o que é justo até um certo ponto imagina que o que diz é absolutamente justo” (§ 9), certamente também consideraria “bem óbvio” que “o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida”. Atento a esse fato “bem óbvio”, Aristóteles escreve nos *Tópicos* (II, II):

Deve-se formular que as coisas devem ser descritas na linguagem utilizada pela maioria; mas quando se indaga quais coisas são de um certo tipo e quais não são, é necessário não se prestar mais atenção à maioria. Por exemplo, cumpre dizer, como a maioria o diz, que saudável é o que produz saúde; mas quando se indaga se o objeto em discussão produz saúde ou não, é necessário não recorrer mais à linguagem da maioria, mas à do médico.

Igualmente atento ao fato “bem óbvio” de que “o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida”, Platão argumenta no *Ion* (540b-d) que quem é piloto de navio, médico, vaqueiro, fiandeiro e general também compreende as palavras diferentemente de quem não aprendeu suas respectivas atividades, assim como compreendem diferentemente a palavra “ser” e a usam diferentemente o realista e o idealista, como se argumentou no *Sofista* (246a-247d). Em diálogo com Protágoras (341a-342a), Sócrates também chama a atenção para possíveis diferenças de usos das palavras “difícil” e “espantoso” por pessoas de diferentes épocas e formas de vida,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mas ao ler os diálogos socráticos Wittgenstein tinha a sensação de uma “tremenda perda de tempo” (WITTGENSTEIN, 1992a, p. 30). “Qual é o sentido destes argumentos que nada provam e nada clarificam?” (*idem*).

Sem nada provar e nada clarificar a Wittgenstein, Platão também argumenta na *República* (538c-e), sempre atento ao fato “bem óbvio” de que “o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida”:

(...) retemos desde a infância certas convicções em torno de coisas justas e nobres; com elas somos educados como com nossos pais, obedecemos a elas e as honramos. (...) Há, todavia, outras formas de viver que se opõem a essa e repletas de prazeres, que lisonjeiam a alma e a atraem para eles, mas que não persuadem indivíduos sensatos, que continuam honrando e obedecendo às convicções [herdadas] de seus pais. (...) E então surge alguém que faz a seguinte pergunta: “O que é o *nobre*?” E quando um indivíduo sensato desses responde o que tem ouvido do legislador tradicional, vê-se refutado pelo argumento, e por força de ser refutado frequentemente e em muitos lugares sofre o abalo de suas convicções, sendo levado a crer que o *nobre* não é mais nobre do que vergonhoso, o mesmo se aplicando ao justo, ao bom e às coisas que ele tem mais honrado.

Tendo explicitado que o modo “antropológico” de examinar as questões filosóficas é “bem óbvio”, cabe agora explicitar que o ponto de vista adotado pelo segundo Wittgenstein contra a teoria pictórica do significado é também “bem óbvio” – menos para o autor do *Tractatus logico-philosophicus*. Wittgenstein, no entanto, surpreendentemente, em vez de contrapor-se nas *Investigações filosóficas* à teoria pictórica do significado tal qual apresentada no *Tractatus*, abre o livro (§ 1) atribuindo-a injustamente a Santo Agostinho, dizendo que ele “não fala de uma diferença entre espécies de palavras” e restringe-se à ideia de que “as palavras da linguagem denominam objetos – frases são ligações de tais denominações”: “Nesta imagem da linguagem encontramos as raízes da ideia: cada palavra tem uma significação. Esta significação é agregada à palavra. É o objeto que a palavra substitui”.

Santo Agostinho, porém, ao contrário do que afirma Wittgenstein, fala sim nas *Confissões* (X, 14; X, 15; X, 16) de uma diferença entre espécies de palavras, inclusive dos números, e das “imagens” que elas evocam. Nessas seções das *Confissões*, Santo Agostinho primeiramente fala em pedra, fala em sol, mas também fala da dor do corpo,

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

da saúde do corpo, dos números com que contamos, da memória, de sentimentos como o desejo, a alegria, o medo e a tristeza. Assim, dizer que Santo Agostinho não fala de uma diferença entre espécies de palavras, que nas *Confissões* temos, assim parecia a Wittgenstein, uma determinada imagem da essência de linguagem humana – as palavras da linguagem denominam objetos e frases são ligações de tais denominações; a significação é agregada à palavra; é o objeto que a palavra substitui –, dizer isso é atribuir injustamente a Santo Agostinho a imagem da essência de linguagem humana do autor do *Tractatus logico-philosophicus*, que havia escrito que “nomear é como apontar” (*Notas sobre lógica*, 1913 – in WITTGENSTEIN, 2004, p. 137) e que, “na proposição, o nome substitui o objeto” (*ibid.*, p. 58).

Na *Gramática filosófica* (p. 40), Wittgenstein já atribui a Santo Agostinho a teoria pictórica do significado, bem como no *Livro castanho* (I, § 1). Na verdade, é espantoso que Wittgenstein não apenas tenha apresentado no *Tractatus* a teoria pictórica do significado como, anos mais tarde, a tenha atribuído a Santo Agostinho, criticando a “concepção agostiniana da linguagem” por sua simplicidade (cf. WITTGENSTEIN, 1999, § 4). Tamanha injustiça é desfeita pela leitura das *Confissões* e definitivamente corrigida pela leitura do diálogo *O Mestre*, no qual Santo Agostinho, acompanhado por seu filho Adeodato, lista diferentes espécies de palavras, como preposições (II, 4), verbos (III, 6), nomes (IV, 8), conjunções (IV, 10), pronomes (V, 13) e advérbios (V, 16), além de explicitar que nem toda palavra da linguagem denomina objetos, exemplificando sua argumentação com as palavras “se” e “nada” (II, 3); a preposição “de” (II, 4; III, 5); verbos como “comer”, “beber”, “estar sentado”, “estar de pé” e “gritar” (III, 6); conjunções como “se”, “ou”, “pois”, “senão”, “portanto” e “porque” (V, 11) e pronomes (V, 13).

O ponto de vista “bem óbvio” do segundo Wittgenstein contra a teoria pictórica do significado fica ainda mais óbvio quando ele explicita as diferentes funções das palavras, como já faziam os gramáticos ocidentais desde ao menos a Grécia Antiga: “Se agruparmos as palavras segundo a semelhança das suas funções, distinguindo deste modo partes do discurso, será fácil ver que podem ser adotadas muitas e diferentes maneiras de classificação”



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(WITTGENSTEIN, 1992b, I, § 10).

Pense nas ferramentas em sua caixa apropriada: lá estão um martelo, uma tenaz, uma serra, uma chave de fenda, um metro, um vidro de cola, cola, pregos e parafusos. – Assim como são diferentes as funções desses objetos, assim são diferentes as funções das palavras. (E há semelhanças aqui e ali.)

Com efeito, o que nos confunde é a uniformidade da aparência das palavras, quando estas nos são ditas, ou quando com elas nos defrontamos na escrita e na imprensa. Pois seu emprego não nos é tão claro. E especialmente não o é quando filosofamos! (WITTGENSTEIN, 1999, § 11).

O que confundia Wittgenstein é a uniformidade da aparência das palavras, quando estas lhe eram ditas, ou quando com elas se defrontava na escrita e na imprensa. Pois seu *emprego* não lhe era tão claro. E especialmente não o era quando filosofava. Assim, confundido pela uniformidade da aparência das palavras, Wittgenstein não fala no *Tractatus* de uma diferença entre espécies de palavras, pensando, pelos menos acredito, primeiramente em substantivos tais como “mesa”, “cadeira”, “pão”, em nomes de pessoas, e apenas em segundo lugar em nomes de certas atividades e qualidades – respectivamente, os verbos e os adjetivos –, e nas restantes espécies de palavras como algo que se terminará por encontrar.

Mais à frente (§ 17), Wittgenstein observa:

Poderemos dizer: na linguagem (8) temos diferentes espécies de palavras. Pois a função da palavra “lajota” e a da palavra “cubo” são mais semelhantes entre si do que a de “lajota” e a de “d”. Mas a maneira pela qual reunimos as palavras conforme as espécies dependerá da finalidade da repartição, – e da nossa inclinação.

Pense nos diferentes pontos de vista segundo os quais pode-se repartir ferramentas em espécies de ferramentas. Ou figuras de xadrez em espécies de figuras.

E pense na afirmação “bem óbvia” de Wittgenstein de que “a gramática distingue substantivos, adjetivos, verbos, etc.” (WAISMANN, 1973, p. 90). Pense agora em Platão, que em diálogo com os gramáticos, agrupando as

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

palavras segundo a semelhança das suas funções, distinguindo deste modo partes do discurso, reparte as palavras em verbos e nomes (substantivos e adjetivos) (cf., p. ex., *Sofista*, 262a-e; *Teeteto*, 206d; *Crátilo*, 425a). Pense também em Aristóteles, que em diálogo com os gramáticos na *Poética* (20), agrupando as palavras segundo a semelhança das suas funções, distinguindo deste modo partes do discurso, reparte a elocução em letra (o elemento que constitui a sílaba e a palavra), sílaba, conjunção, nome (substantivo e adjetivo), verbo, artigo (incluindo preposições e advérbios), caso e sentença. Pense ainda em Santo Agostinho, que em diálogo com os gramáticos no *Mestre*, agrupando as palavras segundo a semelhança das suas funções, distinguindo deste modo partes do discurso, reparte as palavras em preposições, verbos, nomes, conjunções, pronomes e advérbios. Mas mais importante: pense na história da terminologia gramatical utilizada por Platão, Aristóteles e Santo Agostinho. Basicamente, a mesma terminologia utilizada por Wittgenstein em toda a sua obra, inclusive no *Tractatus logico-philosophicus*, em que cita substantivos, adjetivos, verbos, conjunções e numerais (3.323, 4.025, 4.036, 4.126 e 5.4733), e nas *Investigações filosóficas*, em que cita substantivos (§ 1), numerais (§ 8 e § 9), pronome reflexivo (§ 16), pronome demonstrativo (§ 44 e § 411), verbos (II, II; II, X), adjetivo (II, XI), conjunção e interjeição (II, II).

O ponto de vista “bem óbvio” do segundo Wittgenstein de que há diferentes espécies de palavras e de que nem toda palavra denomina um objeto é definitivamente explicitado no § 27 das *Investigações filosóficas*, em que afirma:

“Denominamos as coisas e podemos falar sobre elas, referimo-nos a elas no discurso.” Como se já fosse dado, com o ato de denominar, uma coisa que significasse: “falar das coisas”. Ao passo que fazemos as coisas mais diferentes com nossas frases. Pensemos apenas nas exclamações. Com todas as suas funções distintas:

Água!

Fora!

Ai!

Socorro!



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Bonito!

Não!

Você ainda está inclinado a chamar essas palavras de “denominações de objetos”?

Pensemos agora em quem se confundia com a uniformidade da aparência das palavras e estava inclinado a chamá-las de “denominações de objetos”. Pensemos também na história dos conceitos gramaticais de afirmação (WITTGENSTEIN, 1999, § 21), de exclamação e de imperativo (*ibid.*, II, XI) e em quantos séculos antes de Wittgenstein citá-los nas *Investigações filosóficas* os gramáticos, filólogos e linguistas já estudavam as frases afirmativas, exclamativas e imperativas, analisando-as sintaticamente, distinguindo deste modo partes do discurso. Mas “os adeptos de WII (o segundo Wittgenstein) gostam de ressaltar, como se isso constituísse uma descoberta, que as sentenças podem ser interrogativas, imperativas e tanto optativas como indicativas” (RUSSELL, 1960, p. 194)...

Tendo explicitado que tanto o modo “antropológico” de examinar as questões filosóficas quanto a crítica à teoria pictórica do significado são pontos de vista “bem óbvios”, cabe ainda explicitar que o ponto de vista adotado pelo segundo Wittgenstein de que “a significação de uma palavra é seu uso na linguagem” (WITTGENSTEIN, 1999, § 43) e “as palavras são apenas signos arbitrários” (*ibid.*, § 508) é também “bem óbvio” – menos para o autor do *Tractatus logico-philosophicus*. O ponto de vista “bem óbvio” da arbitrariedade e convencionalidade do significado das palavras já havia sido adotado por Hermógenes no *Crátilo* (383a-384e), cujos argumentos nada provaram e nada clarificaram a Wittgenstein:

Hermógenes – Crátilo afirma, Sócrates, que todas as coisas possuem um nome correto, que lhe é inerente por força da natureza, e que o nome de uma coisa não é algo pelo que é chamada devido a um acordo das pessoas, como uma partícula de sua própria linguagem nativa aplicada a ele, mas que há uma correção inerente aos nomes, que é a mesma para todos, gregos e bárbaros. Pergunto-lhe, conseqüentemente, se seu nome é verdadeiramente Crátilo, com o que ele concorda. “E quanto a Sócrates?”, eu disse, “Seu nome é Sócrates”, ele disse. “E isso se aplica também a todos os demais seres humanos e o nome particular pelo qual



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

chamamos cada pessoa é seu nome?” E ele disse: “Ora, teu nome não é Hermógenes mesmo que toda a humanidade te chame assim.”

(...)

Hermógenes – De minha parte, Sócrates, tenho dialogado frequentemente com Crátilo e muitas outras pessoas, e ninguém se mostra capaz de convencer-me de que a correção dos nomes é determinada por outra coisa senão a convenção e o consenso. Parece-me que não importa qual o nome que dê a uma coisa, esse é seu nome correto. E se renunciasses a esse nome e o substituíres por um outro, o segundo nome nem por isso será menos correto do que o primeiro, tal como quando mudamos os nomes de nossos serviçais. De fato, penso que nenhum nome pertence por natureza a qualquer coisa particular, mas somente devido à convenção e ao costume dos que o empregam e que estabeleceram seu uso. Se assim não for, porém, estarei pronto a ouvir e aprender de Crátilo ou de qualquer outra pessoa.

O ponto de vista “bem óbvio” da arbitrariedade e convencionalidade do significado das palavras já havia sido adotado também por Aristóteles, que, atento ao “uso estabelecido da linguagem” e à “nomenclatura estabelecida” (*Tópicos*, II, I), ensina que “o nome é um som que possui significado estabelecido somente pela convenção” (*Da interpretação*, II). Mas Wittgenstein se orgulhava de nunca ter lido uma palavra de Aristóteles... Na verdade, o ponto de vista “bem óbvio” da arbitrariedade e convencionalidade do significado das palavras já havia sido adotado por inúmeros pensadores antes de Wittgenstein, de diferentes períodos históricos e de diferentes matizes intelectuais. Guilherme de Occam, por exemplo, que Wittgenstein cita no *Tractatus*, observa na *Summa totius logicae* que, “uma vez que um som vocal foi instituído [convencionado] para significar uma coisa significada por um conceito, se esse conceito mudasse de significado, o som vocal, por isso mesmo também mudaria se não houvesse outra instituição [convenção]” (*apud* MARCONDES, 2010, p. 39).

John Locke, por sua vez, afirma no *Ensaio sobre o entendimento humano* (III, II, § 1):

As palavras (...) passaram a ser usadas pelos homens como signos de suas ideias; não por uma conexão natural, entre sons particulares articulados e certas ideias – pois então todos os homens falaria uma mesma língua –, mas pela



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

imposição voluntária mediante a qual uma palavra se torna marca arbitrária de uma ideia. As palavras são então usadas como marcas sensíveis de ideias: as ideias que representam são sua significação própria e imediata.

Já Schopenhauer escreve no *Mundo como vontade e representação* (§ 9) que “a linguagem, como objeto da experiência externa, é apenas, para falar com precisão, um telégrafo muito aperfeiçoado, que transmite com uma rapidez e uma delicadeza infinitas sinais convencionais”. É interessante ainda comparar o que disseram os lógicos sobre o significado das palavras com o que disse o autor da teoria pictórica do significado. Charles Sanders Peirce, por exemplo, no texto “O que é um signo?”, declara que “há símbolos, ou coisas gerais, que se veem associadas com seus significados de uso. Tais são as palavras e frases, e diálogos, e livros, e livrarias” (PEIRCE, 2007, p. 48). Frege, por sua vez, no parágrafo inicial de “Sobre o sentido e a referência”, afirma:

O que se quer dizer com $a = b$ parece ser que os símbolos ou nomes “a” e “b” se referem à mesma coisa, e assim estaríamos a falar desses símbolos; uma relação entre eles seria afirmada. Mas essa relação só existiria entre os nomes ou símbolos à medida que eles nomeassem ou designassem algo. Ela seria uma relação estabelecida pela associação de cada um dos dois símbolos com a mesma coisa designada. Mas essa associação é arbitrária. Ninguém pode ser proibido de tomar como símbolo de algo um processo ou objeto qualquer que possa ser gerado arbitrariamente.

É interessante, por fim, comparar o que disse o inaugurador da linguística moderna, Ferdinand de Saussure, sobre o significado das palavras com o que disse o autor da teoria pictórica do significado. No *Curso de linguística geral*, livro publicado postumamente em 1916, Saussure ensina que a língua é “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2004, p. 17). Para Saussure (*ibid.*, p. 18), “a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente”; a língua é um “fato social” (*ibid.*, p. 21), “um tesouro



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade” (*ibid.*, p. 22), não existindo “senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade”. “Com efeito”, pondera (*ibid.*, p. 82), “todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção.” Na verdade, resume Saussure (*ibid.*, p. 81), “o signo linguístico é arbitrário” e “a coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja” (*ibid.*, p. 132). Mas os adeptos de WII gostam de ressaltar, como se isso constituísse uma descoberta, que “a significação de uma palavra é seu uso na linguagem” e que “as palavras são apenas signos arbitrários”...

O ponto de vista matemático de Wittgenstein: um ponto de vista “bem óbvio”

É fato que os matemáticos jamais levaram a sério a definição de número apresentada pelo autor do *Tractatus logico-philosophicus*: “A forma geral do número é: $[0, \xi, \xi + 1]$ ” (6.03). A tão simples concepção do número do autor do *Tractatus logico-philosophicus* “só é capaz de dar conta de números finitos”, mas “nenhuma lógica pode considerar-se adequada até mostrar-se capaz de dar conta dos números transfinitos”, criticou Russell em sua introdução ao livro. Uma crítica que Russell, infelizmente, não estendeu à tão simples concepção da linguagem do autor do *Tractatus logico-philosophicus*, sua teoria pictórica do significado, que só é capaz de dar conta de uma subclasse das classes de palavras listadas nas gramáticas tradicionais: a subclasse dos substantivos concretos.

Com os membros do Círculo de Viena, o autor do *Tractatus logico-philosophicus* – livro que nunca influenciou o trabalho dos matemáticos, como bem observou Brian McGuinness (1991, p. 407) – insistia em sua tão simples concepção do número, dizendo-lhes que “os números procedem pelo contínuo emprego da operação $+ 1$ ” (WAISMANN, 1973, p. 190). No entanto, pouco tempo depois, talvez “estimulado” por Sraffa, Wittgenstein passa a ressaltar, como se isso constituísse uma descoberta, que os números podem ser cardinais, irracionais, complexos...

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Compare o conceito de proposição com o conceito de “número” e, então, com o conceito de número cardinal. Consideramos como números os números cardinais, números irracionais, números complexos; se chamamos outras construções de números por causa de suas similaridades com estes ou se traçamos uma fronteira definida aqui ou em outro lugar, depende de nós. Nesse aspecto, o conceito de número é como o conceito de proposição. Por outro lado, o conceito de número cardinal $[1, \xi, \xi + 1]$ pode ser chamado um conceito rigorosamente circunscrito, isto é, um conceito num sentido diferente da palavra (WITTGENSTEIN, 2003, p. 84).

Os matemáticos, no entanto, permaneceriam indiferentes a toda essa discussão de Wittgenstein a respeito dos números, bem como à discussão de Wittgenstein a respeito dos números nas *Investigações filosóficas*, em que cita na primeira parte os cardinais, racionais, reais, etc. (§ 68) e afirma na segunda parte:

((...) na linha dos números reais não há lugar para os números imaginários.) E isto significa: o emprego do conceito de número imaginário se assemelha menos ao dos números reais, do que a consideração dos cálculos o evidencia. Deve-se descer para o emprego daquele conceito, e então este encontra um lugar diferente, por assim dizer, insuspeitado (*ibid.*, II, XI).

Insuspeitado para o autor do *Tractatus logico-philosophicus*. Cientes das diferenças entre os números reais e os imaginários, os matemáticos jamais levaram a sério as triviais investigações filosóficas de Wittgenstein sobre os números. Na *Gramática filosófica* (p. 253), Wittgenstein observa:

O que são números? – O que os numerais significam; uma investigação do que significam é uma investigação da gramática dos numerais.

O que estamos procurando não é uma definição do conceito de número, mas uma exposição da gramática da palavra “número” e dos numerais.

O que Wittgenstein estava procurando em sua segunda filosofia não era uma definição do conceito de número, mas uma exposição da gramática da palavra “número” e dos numerais. Mas o que se ganhou com a exposição da gramática da palavra “número” feita por Wittgenstein? Na opinião dos matemáticos, ao que parece, a



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

questão não merece sequer ser avaliada. Mesmo alguns wittgensteinianos não acreditam ter havido grandes ganhos com a filosofia da matemática de Wittgenstein. Merrill B. Hintikka e Jaakko Hintikka, por exemplo, afirmam na introdução de *Uma investigação sobre Wittgenstein*: “Não estamos convencidos (...) de que a filosofia da matemática de Wittgenstein tenha a mesma profundidade que a sua filosofia da linguagem ou a sua filosofia da psicologia” (p. 14). Por nossa vez, estamos convencidos de que a filosofia da linguagem de Wittgenstein seja “bem óbvia” e tenha a mesma superficialidade que a sua filosofia da matemática.

d) Considerações finais

Neste artigo, tive por objetivo explicitar que o responsável pelo “estímulo” às “ideias mais fecundas” das *Investigações filosóficas*, Piero Sraffa, considerava seu ponto de vista “bem óbvio” porque seu ponto de vista era realmente *bem óbvio* – menos para o autor do *Tractatus logico-philosophicus*, que com a teoria pictórica do significado ignorou conhecimentos filosóficos e linguísticos básicos acumulados no Ocidente desde a Grécia Antiga e mais tarde, “estimulado” por Sraffa, os retomou e os apresentou como grandes descobertas. Mesmo não sendo ideias originais, as observações de Wittgenstein sobre a linguagem surpreendentemente têm alto apreço dos filósofos, ao contrário das reflexões de Wittgenstein sobre a matemática, as quais os matemáticos sempre criticaram veementemente – inclusive por serem em alguns aspectos “bem óbvias”, como se mostrou na terceira seção do artigo.

Explicar a que se deve tamanha diferença de avaliação sobre a filosofia de Wittgenstein é uma questão que por ora deixarei em aberto, ressaltando apenas que o próprio Wittgenstein estava ciente de que seria assim, a ponto de ter declarado: “Nada me parece menos provável do que o fato de um cientista ou matemático que me lê vir a ser seriamente influenciado na maneira como trabalha” (WITTGENSTEIN, 1992a, p. 94).

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Referências

- ARISTÓTELES. *A política*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011a.
- _____. *Órganon: Categorias, Da interpretação, Analíticos anteriores, Analíticos posteriores, Tópicos, Refutações sofisticas*. São Paulo: Edipro, 2010.
- _____. *Poética*. São Paulo: Edipro, 2011b.
- FREGE, Gottlob. “Sobre o sentido e a referência”. *In Fundamento – Revista de Pesquisa em Filosofia*, v.1, n.3, p. 21-44, 2011.
- GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- HINTIKKA, M. B.; HINTIKKA, J. *Uma investigação sobre Wittgenstein*. Campinas: Papyrus Editora, 1994.
- LOCKE, John. *Ensaio sobre o entendimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- MONK, Ray. *Wittgenstein: o dever do gênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PEIRCE, Charles Sanders. “O que é um signo?”. *In Facom*, n. 18, p. 46-56, 2007.
- PLATÃO. *A república*. Bauru: Edipro, 2012.
- _____. *Diálogos I: Teeteto (ou do conhecimento); Sofista (ou do ser); Protágoras (ou sofistas)*. Bauru: Edipro, 2007.
- _____. *Diálogos VI: Crátilo (ou da correção dos nomes); Cármides (ou da moderação); Laques (ou da coragem); Ion (ou da Ilíada); Menexeno (ou oração fúnebre)*. Bauru: Edipro, 2011.
- RUSSELL, B. *Meu pensamento filosófico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- SANTO AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O Mestre*. São Paulo: Paulus, 2012a.
- _____. *Confissões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012b.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- SEN, Amartya. “Sraffa, Wittgenstein, and Gramsci.” *In Journal of Economic Literature*, vol. 41, n. 4, p. 1.240-1.255, 2003.
- WAISMANN, Friedrich. *Ludwig Wittgenstein y el Círculo de Viena*. Cidade do México, Fondo de Cultura Económica, 1973.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Cadernos: 1914-1916*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- _____. *Cultura e valor*. Lisboa: Edições 70, 1992a.
- _____. *Gramática filosófica*. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Coleção: Os pensadores).
- _____. *O livro castanho*. Lisboa: Edições 70, 1992b.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

----- . Tractatus logico-philosophicus. São Paulo: Edusp, 2010.